



AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM E PROCESSO DE SUBJETIVAÇÃO ¹

Maria Sílvia Cintra MARTINS

Resumo: A partir da constatação de Leontiev de que é necessário dar conta do princípio heurístico presente na aquisição da linguagem infantil, sem nos determos apenas nos aspectos algorítmicos, os quais vêm o domínio da linguagem de um ponto de vista estratégico, propomos a expansão do enfoque transcategorial, de forma a vir a abranger o aspecto pragmático inerente à linguagem. Chamamos a atenção, no entanto, para o fato de que não basta focar esse aspecto pragmático apenas do ponto de vista situacional, o que nos levaria a incorrer no mesmo erro implícito no princípio algorítmico. Se, por um lado, o aumento progressivo na extensão frasal pode ser visto do ponto de vista de um domínio sintático crescente, e não apenas do ponto de vista da expansão vocabular, por outro, essa relação transcategorial pode ser expandida, para vir a incluir na mesma visada a construção progressiva da subjetividade e da alteridade no universo cognitivo infantil.

Palavras-chave: *subjetividade; identidade; linguagem; pragmático; heurístico; transcategorial.*

Há quase trinta anos, A. A. Leontiev (1975), psicólogo russo pertencente à Escola de Vigotski, chamava a atenção para o enfoque “inequivocamente algorítmico” que se vinha formando a respeito do comportamento presente na aquisição da linguagem, na medida em que se passou a compreender que o comportamento lingüístico funciona de forma estratégica, isto é, governado pela análise da situação concreta.

Nesse sentido, por um lado havia pesquisas no âmbito da Psicolingüística que se centravam no critério behaviorista de estímulo-resposta, enfocando o processo lingüístico como uma reação ou uma cadeia de reações que se dão em resposta a estímulos externos, sejam lingüísticos ou não. Compreendia-se, nessa linha teórica, que hábitos de fala, formados como resultado da recorrência de experiências prévias com a linguagem, são projetados no sistema de mecanismos psicológicos inatos. A esta linha teórica, pertencem, entre outros, os neo-behavioristas da Escola de Osgood.

¹ Artigo publicado na *Versão Beta* n° 32 (maio de 2004) – Revista vinculada ao Departamento de Letras – UFSCAR.

Por outro lado, na linha da gramática gerativa chomskiana, defendeu-se que a aquisição de linguagem não se dá pela assimilação de um conjunto de habilidades ou de operações lingüísticas, mas, de preferência, pela aquisição de um plano, de um esquema, de um “*programa de comportamento lingüístico, implementado através de uma sucessão de habilidades verbais ou reações verbais de um tipo mais elementar.*” (LEONTIEV, 1975, p.44, tradução nossa)

Foi introduzida, dessa forma, uma conceituação que envolve *regras*, uma vez que passou a se compreender que toda a habilidade lingüística, como, por exemplo, a pronúncia de uma frase dentro de certa ordenação, baseia-se na existência prévia de um plano cuja estrutura reside na hierarquia de regras gramaticais de formação e transformação. Não se distinguem, neste caso, as regras próprias à organização de um texto lingüístico das regras de comportamento lingüístico, reduzindo-se ambas a um modelo gerativo abstrato. Dentro dessa abordagem, a fala é vista como a atualização de um esquema ou plano pré-existente, governado por regras de teor pragmático – isto é, fixadas e condicionadas pela situação de uso – e de teor gramatical e semântico – ou seja, condicionadas pela estrutura lingüística. Dessa forma, segundo esse enfoque psicolingüístico, todo ato de fala decorre da decisão com relação a um plano e é resultado da aplicação de regras algorítmicas que levam a identificar a situação através de um estímulo que tenha sido recebido.

Leontiev (1975) questiona, no entanto, esse modelo teórico, em função da comprovação de que, na percepção da linguagem, o ser humano não age, simplesmente, como se ele próprio fosse um sistema de filtragem, mas, em vez disso, cria e seleciona estratégias ou métodos de procedimento, de modo que, em certas situações, os processos de percepção da linguagem não são algorítmicos – estritamente determinados pelas situações específicas – mas, de preferência, governados por um *princípio heurístico*. Ou seja, em vez de imaginarmos que sempre, quando falamos, selecionamos determinadas estratégias de acordo com a identificação da situação de uso, passamos a compreender que a seleção muitas vezes precede e determina a análise, ou, mesmo, pode ser feita com base em um conjunto incompleto de sinais.

Distinguem-se, com isso, o enfoque algorítmico do enfoque heurístico da linguagem, compreendendo-se que o algoritmo diz respeito às direções específicas e momentâneas para a execução de uma série de operações, de modo a permitir a solução de todos os problemas de um mesmo tipo, enquanto que o heurístico concerne a

orientações prévias, a mecanismos que governam a busca de uma resposta em meio a um largo número de possibilidades.

Na defesa do princípio heurístico, Leontiev questiona a teoria chomskiana de aquisição de linguagem baseada na suposição da existência de uma aptidão inata da criança para dominar uma língua, e alerta para o fato de que o eixo da questão não se centra em saber se existem ou não esses pré-requisitos universais e inatos aos quais essa escola de pensamento acaba reduzindo toda a dimensão do desenvolvimento da linguagem. Nesse sentido, vale lembrar que a linguagem não reside num compartimento estanque, separada das outras funções psíquicas superiores e, por isso mesmo, não podemos reduzi-la à mera atualização de mecanismos inatos fixos que deveriam ser apenas adaptados, adequados às situações de uso.

A partir desses fundamentos, Leontiev chama a atenção para o fato de que a ontogênese da linguagem implica uma interação extremamente complexa entre dois processos:

- por um lado, o processo de comunicação entre os adultos e a criança, o qual passa por diversos estágios, tornando-se cada vez mais complicado;
- por outro, a existência de sistemas funcionais específicos que vão se formando e substituindo-se na psique infantil.

Desponta, assim, o fato de que, no processo de aquisição de linguagem, o que se desenvolve não é a linguagem em seu sentido mais usual, nem o método de atualização de mecanismos internos, conforme se postula na linha da gramática gerativo-transformacional. O que vai se transformando é a natureza da interação que se dá entre o sistema de recursos lingüísticos de que a criança dispõe e a forma com que passa a usar a linguagem para fins cognitivos ou comunicacionais. É nesse sentido que, para Leontiev, passa a não existir uma diferença tão marcante entre a linha psicolingüística behaviorista e a linha chomskiana, na medida em que ambas separam certos elementos inerentes à aquisição da linguagem de outros comportamentos psicológicos subjacentes e que se encontram implicados no mesmo processo.

Nesse sentido, assim como Leontiev, Luria (1975), psicólogo russo também pertencente à Escola de Vigotski, mostra insatisfação com relação aos modelos clássicos e discretos utilizados no campo da ciência lingüística e pondera que a gramática gerativo-transformacional representa mais uma tentativa de expressar e reduzir as várias manifestações de atividade lingüística a modelos formais definidos, dentro de uma tendência que já estava presente em toda a linha estruturalista precedente e que, de toda

a maneira, não dá conta de investigar como se processa a atividade lingüística, ou que sistemas de conexões latentes escondem-se por trás de cada palavra e por trás da concatenação de uma frase.

Esses questionamentos apontam para o fato de que certos métodos estruturais que podem parecer adequados nos estudos gerais da ciência lingüística mostram-se inadequados na área da Psicolingüística, uma vez que a esta compete a investigação dos processos inerentes à atividade lingüística humana, aqueles processos que levam à formação do significado, e a descrição dos mecanismos psicológicos ou psicofisiológicos que participam desse processo.

Dentro de uma linha teórica diferente, uma vez que partilha da concepção inatista que vê na linguagem a manifestação de propensões cognitivas inerentes à espécie humana e à espera de maturação de forma relativamente independente da aprendizagem, Eric Lenneberg também chama a atenção para o fato de que o aspecto discreto da linguagem é ilusório e superficial. Ou seja, apenas aparentemente as palavras significam de fato isto ou aquilo, sendo fadada ao fracasso a tentativa de definição semântica por traços ou categorias componenciais. O pesquisador argumenta:

Até o momento, há pouca esperança de que essa forma de pensamento possa levar a qualquer resultado interessante; além disso, é bem provável que um argumento do tipo de Gödel poderia ser chamado em contradição a essa abordagem, provando que seria logicamente impossível construir um sistema semântico ao mesmo tempo completo e consistente baseado em um número finito de traços fixos (LENNEBERG, 1975, p. 21 – tradução nossa).

Mais uma vez, o que pode parecer convincente ou satisfatório na abordagem do sistema lingüístico adulto mostra-se inadequado dentro da linha ontogenética:

De um ponto de vista neurofisiológico, as palavras deveriam ser vistas como decíduas ou restos congelados, indícios (“token”) de processos dinâmicos subjacentes e em constante mudança, aqueles que constituem o conhecimento lingüístico (ibid., loc.cit.).

A mesma restrição diz respeito às categorias sintáticas e conduz à suposição de um único contínuo, envolvendo elementos sintáticos e semânticos, e de uma origem comum desses dois aspectos da linguagem no decurso do desenvolvimento ontogenético.

No início do processo de aquisição da linguagem, a criança usa palavras de abrangência semântica significativa. Assim, palavras como “carro”, “água”, “mamãe” parecem aplicar-se a uma classe bastante indiferenciada de objetos, e os critérios de

aplicação deste ou daquele item lexical não são nítidos ou rigorosos. Com isso, um vocabulário relativamente pequeno parece ser suficiente para dar conta de todo o universo infantil, e é à medida que o universo vocabular se amplia que, simultaneamente, o vocabulário se especializa:

Acredito que o aumento posterior do vocabulário acontece às expensas, por assim dizer, da extensão excessivamente genérica dos campos semânticos das palavras. O número de palavras aumenta, à medida que diminuem os campos semânticos das palavras já existentes (ibidem, p.26).

Lenneberg argumenta que esse aumento vocabular acompanhado de uma redução dos respectivos campos semânticos não pode ser visto, ingenuamente, como um acúmulo de classes dentro de um único contínuo constante. Nesse sentido, o que se refina no decorrer do processo de diferenciação são as relações entre as palavras, de tal maneira que a diferenciação no campo semântico conduz, orgânica e necessariamente, à *predicação*, ou seja, ao mais elementar dos processos sintáticos.

Dessa maneira, a junção de palavras passa a apontar para a construção elementar de relações sintáticas, de tal forma que duas palavras pronunciadas em ordem subsequente devam ser interpretadas como um par interdependente, em que uma das palavras comporta-se como modificadora da outra:

O progresso na diferenciação semântica leva ao desenvolvimento sintático, uma vez que a redução do campo semântico de uma palavra naturalmente provoca a adição de determinações (“specifiers”) e assim conduz a construções do tipo tópico-comentário por meio de palavras que introduzem modificações – Cadê a mamãe? Cadê a meia? O processo sintático dessa predicação primitiva preserva-se, de fato, dentro de um processo sintático bastante sofisticado e completamente maduro, o da composição (ibidem, p.27).

Criam-se, paulatinamente, tipos complexos e variados de relações sintáticas que, segundo Lenneberg, resultam da progressiva diferenciação semântica: “*Parece-me que essa proliferação de processos sintáticos é também uma conseqüência da diferenciação semântica*” (ibid., loc.cit.).

O processo baseado na relação primitiva, que envolve, em princípio, duas palavras, expande-se de forma iterativa, de modo que o par passa a incluir uma terceira palavra. É sinal de que estão emergindo categorias sintáticas primitivas que se definem em termos de relações sintáticas. Na verdade, há quem prefira já ver na seqüência elementar de duas palavras a presença de diferentes categorias sintáticas. Por isso

mesmo, Lenneberg considera as categorias sintáticas como reflexos de relações sintáticas que se diferenciam gradualmente, na proporção da maior especificação semântica e de uma seqüência progressivamente maior de palavras. O autor lembra-nos, ainda, que a observação da ontogênese da linguagem infantil traz à tona o fato de que não há categorias sintáticas fixas: estamos diante de ordens abertas, fracamente delimitadas, sujeitas a intersecção. Ou seja, as palavras não pertencem, de forma definitiva, a classes fechadas.

Todas essas constatações obrigam-nos a uma revisão de certo enfoque que vê a aquisição de uma língua do ponto de vista de um enriquecimento vocabular, acompanhado do acréscimo de regras ou de fórmulas de construção de frases, como também da suposição de que o aumento na extensão das frases fosse apenas função da capacidade de memorização da criança.

A extensão média da frase (“*mean utterance length*” - MLU) é, de preferência, função da progressiva diferenciação semântica. Como resultado, temos uma diversificação de tipos de relações sintáticas – e não, exatamente, uma proliferação de categorias. A partir dessa diversificação das relações sintáticas, constroem-se relações de relações, ou seja, formam-se, progressivamente, relações mais abstratas, cada vez mais distantes das propriedades físicas dos objetos.

Dessa forma, é nítido o fato de que se derrubam as fronteiras tradicionais entre os eixos semântico e sintático sempre que quisermos acompanhar o desenvolvimento progressivo da linguagem infantil a partir de um corte longitudinal. No nosso entender, aliás, essa exigência, própria dos estudos psicolinguísticos, força-nos a uma situação limite de análise, da qual podemos voltar enriquecidos para vislumbrar com mais clareza os fatos linguísticos em geral. Assim, para a compreensão mais adequada, não do produto, mas do processo linguístico, tal qual se dá nas mais diferentes situações enunciativas, mostra-se, também, mais produtivo o enfoque transcategorial, ou seja, aquele que se dá a partir de modelos contínuos de análise, do que o resultante dos modelos discretos tradicionais que utilizamos no passado.

Nesse sentido, é, ainda, a consideração da ontogênese da linguagem infantil que nos obriga a mais um passo decisivo, de forma a melhor compreender como se dá esse desenvolvimento, que processos cognitivos estão por trás das manifestações linguísticas pontuais, mesmo com a finalidade de interferir em seu andamento, de mobilizar transformações latentes. Trata-se da consideração do eixo pragmático da linguagem que vem a se unir aos componentes semântico e sintático apontados anteriormente, de tal

maneira que possamos, na linha das propostas sugeridas por Leontiev, Luria e Lenneberg, aprofundar o conhecimento do princípio heurístico, o qual transcende a mera expansão vocabular ou a atualização de esquemas sintáticos latentes.

A observação da linguagem adulta acostumou-nos a ver os fatos de uma maneira que precisaremos rever para melhor dar conta da ontogênese da linguagem infantil. Por força do uso, o eixo pragmático passou a ser identificado ao componente situacional, de tal forma que, se não estivermos alerta, poderemos voltar a incorrer nos mesmos erros do passado, da utilização do princípio algorítmico, julgando que falamos de algo diferente. Se, diante da constatação da dependência recíproca entre os componentes semântico e sintático, apenas acrescentarmos o componente situacional, ainda não daremos conta daquilo que Leontiev sugere ao mencionar o princípio heurístico. Não se trata, apenas, de ponderar situações diferenciadas em que a criança se insira, seja no contato com adultos, com a mãe, com a professora, com seus pares. É também isso, mas é mais do que isso, se não queremos correr o risco de ainda estarmos pensando em termos da escolha de estratégias lingüísticas adequadas a diferentes situações de uso.

Compreendemos que há todo um terreno fértil para a pesquisa que, avançando na linha das sugestões de Lenneberg, introduza o componente pragmático naquilo que este envolve de construção da identidade, de diferenciação em relação ao outro, de exercício de papéis sociais, de tal maneira que possamos vislumbrar que, a partir da diferenciação do *ego*, daquele *ego* que passa a se pronunciar como *eu*, ou simultaneamente a isso, temos a emergência da diferenciação vocabular, conjuntamente com o acompanhamento sintático para o qual Lenneberg aponta.

Propomos, nesse sentido, uma ampliação do conceito de *diferenciação* e das relações transcategoriais, que passam a envolver, também, o eixo pragmático. Nesse empreendimento, no entanto, urge rever certa disparidade entre as conceituações piagetiana e vigotskiana, uma vez que, de acordo com o enfoque piagetiano, falamos, usualmente, na progressão rumo à socialização e na superação do egocentrismo infantil inicial. Essa forma de abordar os fatos dificulta a correta inclusão do eixo pragmático tal qual mencionamos, pois pode dar a impressão de que, já de início, há diferenciação em relação ao outro, mesmo porque supomos que a psicologia infantil evolui a partir de um enfoque voltado para si mesmo, abrindo-se progressivamente para o outro.

A linha de pensamento adotada pela Escola de Vigotski ensina-nos a ver os fatos de maneira diferente. Vigotski (2001) contesta vários aspectos da teoria de Piaget. Não concorda com a pretensão universalizante de sua teorização e pondera que sua

concepção pode ser válida para o grupo particular das crianças que estudou, mas não para todas, muito menos para crianças que trabalham. Discorda que o desenvolvimento do pensamento se dê do individual para o social (Piaget postula que a fala egocêntrica precede a fala socializada) e propõe a direção contrária, do social para o individual. Atribui à fala egocêntrica um papel primordial na passagem da fala vocalizada para a interiorizada e, com isso, para o pensamento reflexivo.

A concepção de Vigotski é mais dinâmica e de natureza mais complexa, heterogênea. Anotaremos, aqui, alguns aspectos de seu pensamento, aqueles que nos parecem particularmente relevantes para a pesquisa que empreendemos:

- Contínuo que vai do social para o individual (e não do individual para o social, como Piaget postula). Nesse sentido, a “*fala egocêntrica*” observada por Piaget tem, para Vigotski, caráter social e é um caminho rumo ao pensamento reflexivo.

- Fala egocêntrica como meio de expressão e alívio de tensão. Vigotski serviu-se da obstrução da atividade corriqueira para provocar a necessidade de solução de problemas: em idade pré-escolar, a criança, diante da situação problemática, recorre à fala egocêntrica; mais tarde, examina a situação em silêncio, à busca de solução.

- Transformação da fala egocêntrica em fala internalizada (ou discurso interior). As mesmas operações mentais presentes na fala egocêntrica da criança em idade pré-escolar estarão presentes na fala internalizada da criança em idade escolar.

Vigotski opõe-se à idéia de Piaget segundo a qual há um desaparecimento gradual da fala egocêntrica para dar lugar à fala internalizada e propõe, em vez disso, a transformação de uma na outra: a fala egocêntrica apresenta-se como importante vínculo na transição da fala vocalizada para a internalizada e, posteriormente, para a escrita. Pressupõe, assim, a internalização de procedimentos externos: o pensamento se desenvolve pela internalização da ação e, particularmente, pela internalização do diálogo externo.

Observando a linguagem das crianças bem pequenas, poderemos ver como elas, *brincam* com as palavras, como se estas não tivessem, propriamente, *significado*. Vale notar, também, como o adulto se serve dessa brincadeira com as sonoridades lingüísticas para ensinar as crianças a falar, seja com músicas, com versos, ou, mesmo, com o contar histórias que, em princípio, vale mais como linha melódica, como sonoridade, cumprindo, assim, preferencialmente, seu papel de brinquedo. Quando a criança pronuncia “*eu era a mamãe*”, nessa primeira assunção de papéis ainda sem

argumentos e apenas acompanhada de ações (como fazer comidinha ou outras), temos aí um jogo complexo, que inclui imitação, repetição, alteridade e construção de subjetividade.

De acordo com os termos de Luria (1986), estamos, nesse caso, diante da *estrutura simpráxica* da linguagem, naquele ponto em que as palavras ainda estão estreitamente vinculadas à situação prática, porém a própria presença da simulação colabora para apontar para a direção que conduz ao universo das estruturas lingüísticas sinsemânticas, ou seja, ao universo lingüístico em que as palavras passam a se relacionar internamente, sem referência explícita ao mundo da realidade exterior. Dessa maneira, o caminho que conduz à *estrutura sinsemântica* da linguagem depende do aprofundamento na construção da subjetividade e da alteridade.

Na faixa etária dos quatro aos seis anos, exatamente naquela para a qual os psicólogos russos postulam o jogo como “*atividade principal*”², tem ficado visível, tanto para psicólogos, quanto para educadores, a relevância pedagógica do jogo, mesmo porque, nesse momento, o “*faz-de-conta*” revela-se de forma mais nítida. Presenciamos, neste caso, a um dos momentos mais notáveis de evolução da linguagem, embora ainda não se tenha destacado suficientemente este fato no campo dos estudos em aquisição de linguagem.

Voltamos, após todas essas incursões, ao início de nosso artigo, quando lembrávamos da defesa de A. A. Leontiev do princípio heurístico nos estudos a respeito de aquisição de linguagem. Como vimos, o autor sugere que esse princípio se dá na intersecção entre o domínio progressivo do diálogo que se trava entre a criança e o adulto, e os sistemas funcionais específicos que se formam e se substituem no universo cognitivo infantil.

De nossa parte, traduzimos essa exigência do psicólogo russo em termos da exigência de se incluir o eixo pragmático, enquanto construção progressiva da subjetividade e da alteridade, no contínuo que envolve as relações transcategoriais semânticas e sintáticas. Assim, se é certo que o MLU (“mean utterance length”) está relacionado, não só à expansão vocabular, mas também aos procedimentos sintáticos e

² “Chamamos *atividade principal* aquela em conexão com a qual ocorrem as mais importantes mudanças no desenvolvimento psíquico da criança e dentro da qual se desenvolvem processos psíquicos que preparam o caminho da transição da criança para um novo e mais elevado nível de desenvolvimento.” (LEONTIEV, 2001, p.122) “Outro traço psicológico importante da atividade é que um tipo especial de experiências psíquicas – emoções e sentimentos – está especialmente ligado a ela” (ibid., p.68).

às relações categoriais a eles inerentes, vale a pena chamar para a pesquisa, dentro do mesmo conceito de *diferenciação*, a construção da subjetividade e da alteridade, de tal maneira a perceber as conotações pragmáticas, ali no mesmo eixo de intersecção que comporta os aspectos anteriores, semânticos e sintáticos. Isso significa dizer que o aumento progressivo da frase infantil, a partir de um único vocábulo, depois para dois, e assim por diante, está intimamente relacionado com o processo de diferenciação em relação ao outro, em andamento no universo cognitivo infantil, e que se traduz na construção progressiva da subjetividade.

Segundo Luria (1986), a função pragmática da linguagem ainda não foi suficientemente estudada e deverá vir a atrair a necessária atenção dos pesquisadores. Compreendemos que é este o desafio que nos cabe.

Abstract: Based on Russian psychologist Leontiev's suggestion on the need of considering the heuristic principle inherent to language acquisition, instead of taking into consideration only the algorithmic aspects, which envisage language from a strategic point of view, we propose the expansion of the transcategorical approach, so as to comprehend the pragmatic aspect inherent to language. Nevertheless, we call the attention to the fact that one should not focus such pragmatic aspect only from a situational point of view, which would lead us to the same mistake implicit to the algorithmic principle. If, on one hand, the progressive increase in the mean length utterance may be seen as a symptom of an increasing syntactic ability, and not only of vocabulary expansion, on the other hand such a transcategorical relation may be expanded, in order to include the progressive construction of subjectivity and alterity in the child cognitive universe.

Keywords: *subjectivity; identity; pragmatic; heuristic; transcategorical.*

Referências bibliográficas:

LENNEBERG, E. H. & LENNEBERG, E. (Ed.) *Foundations of language development: a multidisciplinary approach*. New York: Academic Press, 1975.

LEONTIEV, A. A. The heuristic principle in the perception, emergence, and assimilation of speech. In: LENNEBERG, E. H. & LENNEBERG, E. (Ed.) *Foundations of language development: a multidisciplinary approach*. New York: Academic Press, 1975.

LURIA, A. R. Basic problems of language in the light of psychology and neurolinguistics. In: LENNEBERG, E. H. & LENNEBERG, E. (Ed.) *Foundations of language development: a multidisciplinary approach*. New York: Academic Press, 1975.
_____. *Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Luria*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

VIGOTSKI, L.S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.